Revista Diversidade e Educação

A HOMOFOBIA RECREATIVA NO CURRÍCULO DE UM GRUPO ESCOTEIRO COEDUCATIVO[1]

HOMOFOBIA RECREATIVA EN EL CURRICULUM DE UN GRUPO SCOUT COEDUCATIVO

RECREATIVE HOMOPHOBIA IN THE CURRICULUM OF A COEDUCATIVE SCOUT GROUP

Zilana Teixeira Marcelino[2]

Vândiner Ribeiro[3]

RESUMO

Além das escolas, outros espaços ensinam e possuem currículos que produzem sujeitos. Este artigo deriva de pesquisa de mestrado e se debruça em um desses currículos: o currículo de um Grupo Escoteiro coeducativo, na cidade de Natal/RN. A pesquisa busca compreender como as relações de gênero são estabelecidas, a partir dos discursos e relações de poder que ali circulam. É uma pesquisa baseada nos estudos de currículo, de gênero, nos Estudos Culturais e em estudos inspirados em Michel Foucault. O material produzido (observações, diário de campo, entrevistas semiestruturadas com oito jovens, participantes do Escotismo e pesquisa bibliográfica), foi analisado a partir da análise do discurso de inspiração foucaultiana focando nas relações de poder dispostas nos discursos. Como resultado, observou-se que no currículo são produzidas relações de gênero e sexualidade pautadas em supostas "piadas e brincadeiras homofóbicas", que ditam, em algumas atividades escoteiras, um certo caminho seguir - o da norma heterossexual e cisgênera.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Gênero. Escotismo. Escoteiro.

RESUMEN

Además de las escuelas, otros espacios también enseñan y tienen currículos que forman sujetos. Este artículo derivado de una investigación de maestría, se centra en uno de esos currículos: el de un Grupo Scout coeducativo en la ciudad de Natal/RN. La investigación busca comprender cómo se establecen allí las relaciones de género, a partir de los discursos y relaciones de poder presentes. Se basa en estudios curriculares, de género, en los Estudios Culturales y en teorías inspiradas en Michel Foucault. El material producido

[1] Este artigo deriva de dissertação defendida em 2021, pesquisa realizada com apoio de bolsa fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

[2] Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil (2021).

[3] Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2013).

que incluye observaciones, diario de campo, entrevistas semiestructuradas a ocho jóvenes, participantes del Escultismo, y revisión bibliográfica fue analizado a partir del análisis del discurso de inspiración foucaultiana, centrándose en las relaciones de poder dispuestas en los discursos. Como resultado, se observó que el currículo produce relaciones de género y sexualidad marcadas por supuestas "bromas y chistes homofóbicos", que orientan ciertas actividades scout hacia una norma heterosexual y cisgénero.
PALABRAS-CLAVE:Currículo. Género. Escultismo. Explorador.

ABSTRACT
Beyond schools, other spaces also teach and have curricula that shape individuals. This article, based on a master's research, focuses on one such curriculum: that of a coeducational Scout Group in the city of Natal/RN. The study aims to understand how gender relations are established there, based on the discourses and power relations present. It draws on curriculum studies, gender studies, Cultural Studies, and theories inspired by Michel Foucault. The material which includes observations, a field diary, semi-structured interviews with eight youth participating in Scouting, and a literature review — was analyzed through Foucauldian-inspired discourse analysis, focusing on the power relations within the discourses. The results show that the curriculum produces gender and sexuality relations shaped by so-called "homophobic jokes and pranks," which guide certain scouting activities toward a path aligned with heterosexual and cisgender norms.
KEYWORDS: Curriculum. Gender. Scouting. Scout

* * *

Para iniciar, considerações acerca de currículo, gênero, sexualidade e escotismo

Geralmente entende-se ser a escola o local privilegiado do aprender. Lá, crianças e jovens convivem com pares e, por meio dos currículos escolares, aprendem conteúdos os quais, espera-se, irão lhes ser úteis para a vida. Será que somente há currículos nas escolas? Não se aprende em outros espaços e currículos?

Na perspectiva tomada neste artigo, com base nas teorias pós-críticas do currículo, compreendemos que há currículos também em espaços não escolares e em outros artefatos culturais (televisão, música, mídia, entre outros), entendimento esse apoiado nos Estudos Culturais em Educação e pontuado por Marisa Vorraber Costa, Maria Lúcia Wortmann e Iara Tatiana Bonin (2016). Compreendemos, então, o currículo de forma ampla, concebido em diferentes espaços, produtores de sujeitos, resultado da escolha de um agrupamento de conteúdos, conhecimentos e saberes (Silva, 2015).

Pensando nos currículos fora dos muros escolares que ensinam e produzem sujeitos, consideramos que o Escotismo, movimento educacional de/para jovens, possui um

currículo – o currículo escoteiro, currículo aqui analisado. A partir desse currículo, existe uma intenção educacional que tem colaborado na formação das crianças e jovens participantes e ali ensina-se e aprende-se sobre a vida, caráter, valores, amizade, lealdade, moral, entre outros.

O currículo escoteiro é produtor de uma significação específica à/aos suas/seus participantes, visto que o currículo é também prática cultural e prática de significação (Silva, 2001). Ele traz consigo determinados e diversos significados organizados "em sistemas, em estruturas, em relações" (Silva, 2001, p. 18), engendrando significantes, signos etc. que, nas relações entre indivíduos e entre grupos sociais diferentes (Silva, 2001), produz identidades culturais e sociais.

O Escotismo e sua cultura educam a juventude brasileira desde 1910 quando o movimento educacional chega ao Brasil, trazido da Inglaterra. Tendo por base as propostas do militar inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941), Grupos Escoteiros, inicialmente apenas para meninos, começaram a se formar pelo país, chegando ao Rio Grande do Norte em 1917. No início da década de 1980, o Escotismo brasileiro passou a se adequar para acolher também meninas e iniciou-se o que foi nomeado de coeducação, acompanhando as escolas e outras instituições educacionais que já praticavam atividades conjuntas entre meninas e meninos. Desde então, a coeducação é entendida no Escotismo como o "sistema em que o processo educativo é aplicado com a participação de membros juvenis de ambos os sexos, compartilhando atividades, normas, decisões e tarefas" (União dos Escoteiros do Brasil, 2013, p. 173).

Este artigo, fragmento de uma pesquisa de mestrado, lançou olhos para o currículo de um Grupo Escoteiro coeducativo, na cidade de Natal/RN, ativo desde o ano de 1981 e que, desde sua formação, atende meninas e meninos. Ele passou por vários arranjos, desde meninas e meninos fazendo atividades separadamente com currículos distintos, até a configuração atual em que, elas e eles, dividem as mesmas atividades e decisões. Durante o período da pesquisa de campo/entrevistas (setembro/2019 a dezembro/2020) o Grupo Escoteiro cujo currículo foi palco de investigação, atendia crianças e jovens dos 6,5 aos 21 anos de idade, ou seja, a todas as faixas etárias propostas pelo Projeto Educativo da União dos Escoteiros do Brasil (2017).

Os ensinamentos e as atividades propostas naquele espaço se baseiam em um projeto educacional e uma pedagogia própria que visam o desenvolvimento humano da/o jovem compreendendo "a riqueza de suas semelhanças e diferenças" (União dos Escoteiros do Brasil, 2017, p. 4). Este projeto, diz seu texto, pretende educar a partir da

preocupação e respeito a vários pilares como a identidade singular; diversidade cultural, origens sociais, etnias e credos; criatividade; justiça social e sustentabilidade; serviço à comunidade; solidariedade, fraternidade, cooperação; respeito à natureza, a vida ao ar livre; compreensão da dimensão política e social; entre outros (União dos Escoteiros do Brasil, 2017).

Os conteúdos ensinados no Escotismo, estão dispostos em um programa educativo que estabelece que, para o desenvolvimento integral da/o jovem, seis áreas devem ser consideradas: "físico, intelectual, social, afetivo, espiritual, caráter" (União dos Escoteiros do Brasil, 2013, p. 43). Assim, para cada faixa etária ali atendida, um grupo de propostas educativas é disponibilizado a partir de um currículo escoteiro nacional, o oficial, que reverbera nos currículos dos vários Grupos Escoteiros do país, inclusive o do Grupo Escoteiro coeducativo, foco da investigação mencionada.

Todo currículo é generificado e é o resultado da escolha de um conjunto de conhecimentos e saberes visando produzir sujeitos de determinado tipo (Silva, 2015), trazendo em si "alguma noção de subjetivação e de sujeito" (Silva, 2002, p. 38). Ou seja, o currículo pretende necessariamente transformar algo no sujeito, partindo do pressuposto que algo nele precisa ser alterado (Silva, 2002).

Se nos deparamos a todo o tempo com ensinamentos que dizem como devemos ser, agir, nos portar, o que devemos vestir e mais uma lista infindável de modos de viver que diferem para mulheres e homens, nos interessava saber, analisando o currículo escoteiro, como as relações de gênero ali eram estabelecidas. Geralmente, os conteúdos e ensinamentos que dizem como devemos ser mulheres e homens socialmente, ensinam e reiteram os ditos "papéis adequados aos homens e às mulheres" na sociedade, como aponta Joan Scott (1995, p. 75). São imperativos historicamente construídos que determinam para as mulheres o espaço doméstico, o privado, e para os homens, ao contrário, o público.

Contudo, tudo o que se diz sobre elas e eles e sobre as relações de gênero deve ser entendido como construção cultural, histórica e social. Nesse sentido, entendemos gênero com forte caráter político, histórico e como ferramenta de luta por mudanças (Louro, 1997), de apelo relacional visto que a partir das relações sociais que se produzem significados sobre os gêneros, assim como nas relações culturais (Butler, 2020). Com a aproximação dos estudos do currículo e os estudos de gênero, o currículo passou a ser compreendido também como "um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo,

corporifica e produz relações de gênero" (Silva, 2015, p. 97). Nessa direção, assumimos que as lições ensinadas nos currículos, também educam acerca dos gêneros.

Apesar de haver tanta insistência em garantir que nós aprendamos a ser mulheres e homens com um conjunto de características e posturas específicas, existem outras inúmeras possibilidades de ser e se ver no mundo. Todas as pessoas são personagens concretas na sociedade, comprovando a inconstância e a fluidez dos gêneros e das sexualidades (Louro, 2019). Tanto nos gêneros quanto nas sexualidades, "as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. [...] [e] estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação" (Louro, 1997, p. 27).

Mas quando há fuga ao que é posto e esperado, como, por exemplo, quando se vê um homem com, considerados trejeitos femininos ou vice-versa, faz-se emergir as tentativas de enquadrar os sujeitos de volta ao caminho. Para isso, investe-se em situações que vão desde a utilização de gozações maldosas visando deixar a pessoa desconfortável ou comentários livres sobre corpos homossexuais de forma desdenhosa (o que neste estudo estamos chamando de homofobia recreativa), até a violência física. Podemos entender essas investidas como uma tentativa social de controle dos corpos, quando cada pessoa se vigia, quando todas as pessoas se vigiam observando a maneira de agir de cada uma/um, como aponta Michel Foucault (2008).

Determinações de oposições como mulher/homem e heterossexual/homossexual, são dicotomias possíveis a partir de um sistema de representação que "não existe fora de um sistema de poder" (Silva, 1995, p. 200). A oposição mulher/homem, tenta transformar "a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas" (Rubin, 2017, p. 10). O corpo então é interpelado pelas relações de poder que "o investem, o marcam, o dirigem, [...] obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais" (Foucault, 2014, p. 30). Ele, o corpo, é foco de diversos investimentos, sobretudo os que são impostos pela cultura, com o objetivo de construí-lo de um suposto modo adequado, segundo diversos critérios dos grupos e espaços dos quais pertencemos sejam eles estéticos, higiênicos, morais (Louro, 2019).

Vale reforçar que estas determinações são fortalecidas pelo aspecto relacional, e com isto em mente é que investigamos as relações de gênero no currículo um Grupo Escoteiro coeducativo. Diante dos conceitos explorados, nos perguntamos: o que se ensina e se aprende sobre gêneros e sexualidades e sobre os corpos em um Grupo Escoteiro coeducativo? Que conteúdos foram elencados e são ministrados nas atividades

escoteiras? Que diferenças eles produzem nos sujeitos foco desse currículo? O que se ensina sobre preconceito?

A pesquisa da qual deriva este artigo focou a investigação em observações de campo nas atividades habituais de jovens da tropa escoteira (11 a 14 anos) e da tropa sênior (15 a 17 anos), ambas compostas por meninas e meninos e acompanhados por adultas e adultos (escotistas) em um Grupo Escoteiro coeducativo. Fizemos anotações em diário de campo e, posteriormente, oito entrevistas semiestruturadas, com quatro meninas e quatro meninos de idades entre 14 e 18 anos recém completos[4] sendo este o material a ser analisado, somado a documentos e literatura escoteira.

O objetivo das entrevistas foi levantar problematizações, para posterior análise do que foi dito, como e por que foi dito. Assim, nos aproximamos dos estudos foucaultianos para analisar os discursos a partir do que foi dito pelos sujeitos, observando as relações de poder que estão dispostas no próprio discurso, sendo este uma prática social, produzida "em razão de relações de poder", de acordo com Rosa Maria Bueno Fischer (2001, p. 199).

Esse trabalho, então, analisa e discute as lições ensinadas acerca das relações de gênero, a partir de pesquisa de campo em um Grupo Escoteiro coeducativo na cidade de Natal/RN. Para tal, o texto que segue apresenta as análises a partir dos achados em campo, problematizando a homofobia recreativa na prática escoteira cotidiana. Por fim, apresentamos considerações acerca das análises realizadas.

Homofobia recreativa e a prática no cotidiano escoteiro

Reiteradas são as lições que nos ensinam e nos constroem mulheres e homens. São ensinamentos e práticas que iniciam antes do nascimento, ainda na gestação, quando um conjunto de expectativas são construídas em torno daquele ser. Chá de revelação, escolha do nome, de roupas, brinquedos, decoração do quarto e, comumente, a utilização de cores específicas: rosa para meninas e azul para meninos. É assim que na família se inicia infindáveis lições de como se deve ser mulher ou homem.

Durante a infância, esses pressupostos construídos socialmente continuam sendo vistos, sentidos e praticados nos ensinando o que devemos ser, como agir, do que devemos

[4] Quando as entrevistas foram realizadas, algumas/uns jovens que, durante as observações tinham 17 anos de idade, quando entrevistadas/os havia recém completado 18 anos.

gostar. As marcas biológicas utilizadas para dizer que aquele feto seria menina ou menino, são utilizadas para produzir um determinado tipo de corpo, que deve seguir, sem questionamentos, trajetos de gênero e sexualidade. O que não se considera é que essas significações são culturais e, por isso, podem ser alteradas (Louro, 2019).

Os corpos são produtos do meio cultural e são essas significações que lhes imprimem o gênero, seus traços e características (Butler, 2020). Ou seja, cada corpo é educado para aceitar o que se diz dele acerca do gênero e da sexualidade, e que esses são fixos e estáveis. Contudo, trata-se de matéria complexa. Não há apenas duas formas de ser na vida: mulher ou homem heterossexual, em uma perspectiva binária. Somam-se ainda pessoas agêneras, assexuais, transgêneras e tantas outras possibilidades de viver e se ver no mundo.

No currículo investigado as questões e debates acerca de gêneros e sexualidades são escassos e tratados como tabus. A lição primordial é a imposição da heterossexualidade e da cisgeneridade, sendo essa a "norma" e, nesse sentido, o ensinamento é que há uma única configuração de casal: o considerado legítimo, apto a gerar filhas/os, reforçado pelo discurso religioso e que impõe um modelo, uma norma. Fugir desse modelo é ser visto como 'anormal'.

Visto como tabu, essa matéria comumente é silenciada e a prática de silenciar o debate sobre as vidas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros / Transexuais / Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e outras identidades de gênero e orientações sexuais que não possuem uma letra específica nesta sigla), faz parte de estratégias de controle, de modo que é necessário ter cuidado para não ver separadamente o que se diz e o que não é dito. Ao contrário, "é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e outros" (Foucault, 1988, p. 30). Os silêncios fazem parte de táticas apoiadoras dos discursos e possibilitam o desconhecimento e fomentam o estímulo constante desses discursos como verdade (Foucault, 1988).

Ao nos referirmos ao conceito de verdade a partir de Foucault (1979) compreendemos que esta está intimamente ligada ao poder. O autor assevera que a verdade é uma invenção que não existe apartada do poder. Ela, a verdade, ou as verdades, são diferentes em cada sociedade, que produz seu próprio regime e/ou políticas de verdade, a partir de discursos escolhidos e postos em funcionamento como verdadeiros (Foucault, 1979).

Estipulado o que seria a "verdade" e o "normal", o modelo aceitável, ou seja, "o ideal" – a heterossexualidade compulsória –, aquelas/es que não se conformam são foco de investimentos intensos para se adequar à norma, e dentre as formas de reiteração, a prática da homofobia recreativa se faz presente. O que aqui chamamos de homofobia recreativa são as supostas "brincadeiras e piadas" que de forma caricaturada representam gestos, vozes, características e posturas corporais visando um suposto humor, que não considera a dor da/o outra/o. Uma vez que há algo de maldoso na fala ou ação e menospreza alguém, perde o tom do divertimento e passa a ser preconceituoso. No currículo investigado, episódios de homofobia recreativa foram observados como parte integrante dele, já que não houve nenhuma intervenção contrária aos episódios presenciados. Era conteúdo comum promover anedotas, utilizar de gestos exagerados e apelidos para se direcionar ou para imitar pessoas que não se enquadravam nos padrões cisheteronormativos.

Lembramos que a homofobia e a transfobia são crimes previstos em lei assemelhando-se às condutas discriminatórias do racismo e podem ser punidas pela chamada Lei do Racismo (Lei n° 7716/89). Ampliando o rol de crimes discriminatórios, a referida lei pune, além de em razão de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (Brasil, 1989), a discriminação pela orientação sexual e identidade de gênero.

Quando se fala de homofobia ou transfobia, por exemplo, parece-nos que "O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não heterossexuais" (Louro, 2019, p. 36). As pessoas que não estão em conformidade com o gênero a partir do sexo apontado nas ultrassonografias pré nascimento, ou não se identificam com a sexualidade legitimada, são alvo de julgamentos e objeto de repulsa (Louro, 2019). Isso se dá pelos discursos biológico e religioso que contribuem com significações e símbolos que seguem um projeto social de grupos no poder (Silva, 2001) e buscam a normalização de "verdades" (Foucault, 1979) relacionadas a feminilidades, masculinidades e sexualidades. Distinguir o que é feminino do que é masculino, é uma lição reiterada dos discursos machista, homofóbico, religioso e heteronormativo existentes fortemente dispersos na sociedade e encontrados no currículo em análise e que contribuem para a produção do sujeito homofóbico.

Na homofobia recreativa se enfatizam gestos femininos de forma estereotipada para se referir a homens que desejam homens, ou trejeitos masculinos para mulheres que desejam mulheres, por exemplo. Para além das zombarias, evita-se falar das formas que mulheres e homens buscam viver sua sexualidade e seus desejos, na tentativa de eliminar

o assunto. Contudo, essas pessoas existem. São heterossexuais, homossexuais, travestis, transexuais, bissexuais, assexuais etc., com infinitas e diferentes formas de ser, de sentir e se ver no mundo, o que confirma o quão inconstante e fluido são os gêneros e as sexualidades (Louro, 2019).

A persistência dessas pessoas em simplesmente existir e buscar serem vistas promove a reflexão acerca das imposições de regulação dos corpos, além de subverter e causar rupturas no que está posto (Butler, 2020). Apenas por existirem, elas desestabilizam a norma e, por esse motivo, são consideradas pessoas perigosas por não se conformar à heterossexualidade, dita "natural" ao contrário da homossexualidade, a 'anormal', não natural, ilegítima. Se assim fosse, seria necessário tanto empenho para preservar a dita norma? (Louro, 1997, 2019).

E no currículo escoteiro? Nos interessava compreender como são vistas e tratadas as pessoas que optam por não seguir o preestabelecido na construção do que se entende ser mulher e homem e tudo o que se diz sobre ela e ele socialmente. O critério estabelecido para as entrevistas[5] foi a paridade de gênero e representatividade. Buscamos ouvir o mesmo número de meninas e meninos participantes do Escotismo, com atenção especial às meninas em posições de liderança. Foi um total de oito jovens entrevistadas/os de idades entre 14 e 18 anos recém completos.

Em razão das restrições sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19[6], as entrevistas realizadas em dezembro de 2020 via *Google Meet* (gravadas para posterior transcrição e com duração média de 53 minutos) foram viabilizadas e autorizadas pelas/os responsáveis por meio de uma amostragem por conveniência (redes de proximidade da pesquisadora). Assim, sete das/os oito jovens entrevistadas/os eram filhas/os de pessoas conhecidas da autora. Ressalta-se, contudo, que a ausência de vínculos estreitos ou

[5] Esta pesquisa pautou-se rigorosamente pelos princípios éticos que regem a investigação científica nas Ciências Humanas e Sociais, contudo, esclarece-se que não foi submetida ao sistema oficial de comitês de ética. Tal posicionamento, de natureza teórica e política, alinha-se às críticas consagradas no campo epistemológico das ciências sociais, as quais questionam a persistência de um caráter predominantemente biomédico e positivista na regulação ética nacional, muitas vezes incompatível com as especificidades metodológicas das pesquisas qualitativas e de campo. Todavia, o compromisso ético e a proteção às/aos participantes foram integralmente preservados. Todos os sujeitos da pesquisa (e suas/seus respectivas/os responsáveis legais) foram devidamente informadas/os sobre os objetivos, riscos e benefícios do estudo, mediante a leitura, compreensão e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Garantiu-se o anonimato absoluto e o direito de retirada a qualquer momento. Os referidos documentos encontram-se sob a guarda segura e confidencial da pesquisadora, em estrito cumprimento às diretrizes de integridade científica.

[6] O primeiro caso em Natal foi confirmado em 12 de março de 2020. Em 15 de março de 2020, a diretoria do Grupo Escoteiro *locus* da pesquisa, emitiu nota suspendendo preventivamente as atividades presenciais, atendendo às orientações de evitar aglomerações e contatos sociais para retardar o contágio.

prévios com as/os jovens garantiu o distanciamento analítico necessário à objetividade da pesquisa. Destaca-se ainda que o Grupo Escoteiro *locus* da pesquisa, na pessoa do responsável pela instituição, assim como as pessoas envolvidas mais diretamente na pesquisa (em sua maioria), não apenas apoiaram como contribuíram de forma positiva no decorrer do processo da pesquisa.

Estando, pois, no campo, nas atividades cotidianas acompanhando os sujeitos da pesquisa, não foi difícil observar gracejos maldosos direcionadas a jovens e outras sem endereçamento certo, mas que eram ofensivas e diziam respeito a formas diferentes de ser mulher ou homem. Contrariamente, nas entrevistas, ao responder sobre se havia ou não preconceito de gênero e sexualidade no Grupo Escoteiro *locus* da investigação, as/os jovens entrevistadas/os responderam que não.

Falas indicaram que ali "*não [se] faria uma piada com* ***alguém que é****, […] mas eu não sei como seria nos outros Grupos [Escoteiros][7]"* (Escoteira 1[8], Fragmento de entrevista, 2020). Contudo, em uma atividade de rapel observada, um menino demorou um pouco para descer pela corda e, enquanto aguardavam no pé do paredão, colegas "o incentivaram": "*Você é gay, mano? Desce logo!*" (Fragmento do diário de campo, 2020). Um pouco antes, havia ouvido uma conversa entre as/os jovens que olhavam um celular e em tom de diversão, diziam a um deles: *"Você é o maior gay!"* (Fragmento do diário de campo, 2020), isso porque ele não queria mostrar algo no aparelho.

Essa prática de chamar meninos de "gay" pareceu ser corriqueira naquele grupo de jovens, o que se confirmou nas entrevistas, quando uma das falas evidenciou que é comum entre os meninos, especialmente. Por outro lado, há a compreensão de que "*...continua sendo errado, se* ***uma pessoa daquele estilo*** *estivesse ali ouvindo*" (Escoteira 1, Fragmento de entrevista, 2020). Os eventos observados e ouvidos mostram que o currículo investigado traz consigo um discurso homofóbico, ao ensinar que está tudo bem este tipo de nomeação, exceto (e somente) se alguém que pudesse se ofender estivesse presente. Ao mesmo tempo é machista, pois na interpretação homofóbica quem é gay se assemelha a uma mulher e por isso é mais incapaz.

A chacota homofóbica é equivocada e ilegal, pautada em um discurso que menospreza e reduz pessoas que vivem sua sexualidade conforme seus desejos e não as

[7] O material de análise, a saber: fragmentos do diário de campo e fragmentos das entrevistas, serão destacados durante o texto e análises com o uso do itálico e aspas para identificar.

[8] Aos/Os entrevistadas/os estão identificadas/os apenas como Escoteira 1, Escoteira 2, ou Escoteiro 1, Escoteiro 2, visando evitar identificação das/os mesmas/os.

determinações sociais. O chamamento de “gay” para o menino que demorou a descer no rapel, partiu da postura de medo ou dificuldade não esperada de um homem. Logo, essa seria uma atitude de alguém menos “macho”, fazendo-se ali a relação medo-gay, a mesma que configura a relação fragilidade-mulher.

Essa relação é acionada pelo discurso biológico que faz circular “verdades” (Foucault, 1979) a partir da identificação do gênero conferido ao nascer, carregando diversos pressupostos e expectativas para aqueles futuros homens. São atributos como a valentia tida, para eles, como o padrão, o ‘natural’. Afinal, ele é o macho. A não adequação a este modelo, o aproxima das mulheres, já que esse discurso só lista a existência desses dois polos, identificando-os como oposicionais e complementares.

Judith Butler (2020) alerta que o gênero é a significação assumida por um corpo que já é diferenciado sexualmente e que esta significação só existe por causa do apelo relacional com um oposto. São significados produzidos social, cultural e discursivamente e, eles mesmos, também produzem as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens (Meyer, 2004), contrariando o discurso biológico que diz que essas diferenças são biologicamente determinadas. O fator relacional desses construtos é visível ao se observar que o que supostamente é natural às mulheres parte do oposto do que se entende ser “normal” aos homens. Nesse sentido, se fixam características para elas e eles, supostamente normais e naturais na tentativa de instituir uma forma específica de ser “Um homem ou uma mulher ‘de verdade’” (Louro, 2019, p. 31). Desconsidera-se, pois, a construção plural, conflituosa e transitória nos processos que definem quais são as possibilidades, em cada sociedade e cultura, para se fixar e viver os gêneros (Meyer, 2004).

O objetivo dessas afirmações que dizem que mulheres e homens devem ter essas ou aquelas características partem dos discursos biológico e machista, em que, a partir do sexo biológico, desejam manter a norma, mas também regular e produzir corpos governáveis (Butler, 2019). Assim, é ensinado e reiterado a todo momento e em todos os espaços que é “natural” que mulheres e homens tenham características específicas e a fuga delas é motivo para um alerta de que se está em desvio. Esses alertas, aqui, vêm por meio de violência homofóbica.

Retornando ao evento da descida de rapel, vale pontuar que para a atividade, foram dadas anteriormente instruções para o grupo de escoteiras e escoteiros. Naquele momento, não houve, da parte dos instrutores (homens) nenhuma diferenciação para elas e/ou para eles que sugerisse alguma menção de incapacidade das meninas ou dos meninos

para aquela descida. No entanto, foram os meninos que demonstraram mais dificuldades e alguns deles preferiram não descer, conforme registro em diário de campo (2020). Por outro lado, todas as meninas presentes fizeram a descida e, para algumas delas, aquela era a primeira experiência com as cordas. Apesar dessa constatação, nenhuma adjetivação positiva, como corajosas ou fortes, por exemplo, foi ouvida, mesmo que elas tenham rompido com o que comumente se espera delas: o medo e a fragilidade.

Claramente, no currículo escoteiro, a utilização aberta da palavra "gay" foi evidenciada. Já quando questionado nas entrevistas diretamente às/aos jovens sobre o assunto, o receio na utilização do termo foi percebido. Pessoas não heterossexuais foram citadas como "*com alguém que é"* (Escoteira 1, Fragmento de entrevista, 2020), *"uma pessoa daquele estilo"* (Escoteira, Fragmento de entrevista, 2020) ou ainda a referência a pessoas que têm "*um estilo mais-para-lá-do-que-para-cá*" (Escoteiro 1, Fragmento de entrevista, 2020). Há uma contradição observada em que, em alguns momentos é possível falar ou julgar abertamente que alguém é gay (sendo ela ou não), e em outros há uma censura, uma proibição, um incômodo na utilização das palavras. Percebemos, então, um controle da linguagem, no sentido do que se pode ou não dizer, um medo de usar os nomes como forma de pudor, o que emudece e, nesta reiteração se institui o silêncio e a censura (Foucault, 1988).

O Escotismo brasileiro, enquanto instituição educacional, tem seu currículo próximo ao da educação escolar em alguns aspectos. Entre eles, o fato de que nas escolas esse conteúdo também é considerado tabu, um assunto privado, de cunho familiar. Porém, delegar a sexualidade à pauta familiar e negá-la, silenciá-la e ignorá-la dos ensinamentos nos espaços educativos, promove e amplia a ignorância e a incompreensão (Louro, 2019), resultando e colaborando com a produção de sujeitos preconceituosos e homofóbicos.

Afastar, negar ou silenciar sobre as sexualidades é uma estratégia facilmente identificada na lida com crianças, em todos os espaços. Seus sexos são suspensos e elas são proibidas de falarem sobre eles. Sob o argumento de uma dita moralidade, corpo, saúde e educação, o sexo das crianças tornou-se ao mesmo tempo um alvo e um instrumento de poder (Foucault, 1988). A sexualidade das crianças é posta em uma vigilância constante e sob uma rede de poder (Foucault, 1979), sobretudo, na família e nas instituições educativas e em seus currículos.

A mesma vigilância e interdição são direcionadas às/aos adolescentes, como se a sexualidade fosse atributo apenas da vida adulta, carregada de determinações de onde o prazer pode ou não acontecer. Dessa forma, "Prazer e poder não se anulam; não se voltam

um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam" (Foucault, 1988, p. 48). Não falar sobre sexualidades com adolescentes, é também questão de poder, sobretudo se o caminho tomado por elas e eles for o que leva à homossexualidade ou outra sexualidade dita periférica.

Apesar de observar na prática, no currículo investigado, as cenas de homofobia recreativa aqui analisadas, há um posicionamento oficial da União dos Escoteiros do Brasil em relação à homoafetividade[9]. O documento afirma que "as relações homoafetivas e heteroafetivas são respeitadas no Movimento Escoteiro, tanto para membros juvenis, quanto para os voluntários adultos" (União dos Escoteiros do Brasil, 2015, p. 2). O documento ainda afirma que,

> A homofobia, bem como qualquer outro tipo de discriminação, é contrária aos princípios escoteiros de tolerância e respeito às diferentes formas de pensar, sendo, portanto, um comportamento que exige medidas educativas por estar em desacordo com os princípios e os valores do Movimento Escoteiro (União dos Escoteiros do Brasil, 2015, p. 2).

Embora nas cenas descritas e analisadas as atitudes tenham sido de preconceito e de desrespeito, o comportamento do grupo de jovens não foi questionado pelas/os adultas/os presentes. A oportunidade também não foi aproveitada para levantar a questão em uma conversa, com um foco educativo, trazendo à pauta os princípios, os valores e o respeito, pontuados no posicionamento institucional. De maneira oposta, mesmo havendo três adultos (homens) próximo a conversa acalorada e animada das/os jovens, nenhum/a delas/es "*questionou, interrompeu ou se colocou de alguma forma a problematizar o acontecido*" (Fragmento de diário de campo, 2020).

O não posicionamento e o silêncio sugerem que a cena pode ter sido entendida como algo que não precisava de intervenção, pois está naturalizada. Outras leituras são possíveis para a falta de atitude das/os adultas/os presentes: a desinformação ou o simples esquivo do assunto. Afinal, nesse caso, a escolha foi por fazer de conta que não se ouviu nada, desviar o caminho, evitar a intervenção e manter o assunto em mata fechada e espinhosa. Contudo, manter esse conteúdo do currículo fora do debate, não o faz inexistente.

Ao contrário, o que não está sendo dito, também está sendo ensinado. A perspectiva tomada nesta pesquisa pós-crítica, é que não há nada oculto nos currículos, de forma que

[9] Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Posicionamento_oficial_sobre_homoafetividade.pdf. Acesso em: 30 jan. 2021

a falta ou a supressão de determinado conteúdo diz muito sobre o que se quer ensinar sobre ele e que tipo de sujeito se quer formar a partir disso. Isso porque o currículo é produtor e organizador de "identidades culturais, de gênero, identidades raciais, sexuais" (Silva, 2001, p. 27) e nesse sentido, o currículo nos torna algo, nos produz (Silva, 2001).

Além da oportunidade em que o acontecimento se deu entre as/os jovens, houve situação em que o autor da homofobia recreativa foi um adulto e o foco um jovem. Em meio a um momento de felicitações a um membro juvenil, um menino se direcionava a outro, parabenizando-o e, para se referir ao colega, utilizou a expressão "esse homem". Ele foi então interrompido por um adulto, em tom de divertimento: "*Homem? – disse o escotista fazendo gestos estereotipadamente afeminados, como uma 'brincadeira' que indicava que o menino, foco da felicitação, seria gay*" (Fragmento de diário de campo, 2020). Em outras situações em que só estavam presentes adultas e adultos, a ironia acerca da existência de um banheiro indicado como unissex foi presenciada. Um adulto disse: "*'Oh! Eu quero o banheiro plural*" (Fala de um escotista, Fragmento de diário de campo, 2020), fazendo gestos afeminados. Noutro momento, em um acampamento, adultos estavam conversando entre eles (todos homens) e outra gozação sobre "ser plural" foi registrada no diário de campo "*quando falaram de possíveis animais em campo: 'raposa, jararaca, veado…'*" (Fragmento de diário de campo, 2020). O autor da fala é o mesmo nas três cenas descritas, e termina esse último gracejo indicando o nome de um amigo presente na cena, relacionando-o ao último animal mencionado, seguido de risos dos presentes.

Vale salientar que os animais, especialmente o veado, foram propositalmente utilizados de forma anedótica, já que esta não é uma espécie encontrada na área onde o acampamento foi realizado. As três menções do adulto se aportam no discurso homofóbico que é produzido, no currículo analisado, por meio de uma evidente homofobia recreativa. A utilização da expressão "*plural*" é pinçada do discurso da diversidade, também presente no currículo escoteiro, porém utilizada de forma irônica e desviada do real objetivo.

O discurso da diversidade, mais recente no Escotismo, tende a instaurar que a diversidade é construtiva e não um perigo à instituição. As diferenças, no plural, são pontuadas e definidas como diversidade, porém essa simples relação pode "mascarar a questão política da diferença; [pois,] nesse discurso a diferença passa a ser definida como diversidade que é entendida quase sempre como a/s variante/s aceitáveis e respeitáveis do projeto hegemônico da normalidade" (Skliar, 1999, p. 21). Essa redução pode acarretar

uma distorcida compreensão, e ainda sugerir e esperar que os corpos sigam as normas e os valores que os disciplinam com práticas e discursos, de forma sutil e quase invisível e, por esse motivo, inquestionáveis (Skliar, 1999).

A utilização de gestos estereotipados, juntamente com a referência ao banheiro unissex ou ao se referir ao animal veado relacionando-o a como popularmente, chamam-se homens homossexuais, também educa e ensina. Ensina que existe uma sexualidade hegemônica e 'normal' em detrimento das outras possibilidades de sentir e desejar. Ensina que mulheres e homens devem seguir as "verdades" (Foucault, 1979) determinadas sobre "suas formas de ser ou 'jeitos de viver' sua sexualidade e seu gênero" (Louro, 2019, p. 31), ou serão foco de gracejos preconceituosos e violências.

Ensina, ainda, que homens não devem ter intimidades uns com os outros. Outra fala, entre jovens, foi observada quando "*Um escoteiro passou por trás do outro, assustando-o e causando o comentário: – Vacilo! Olha a intimidade!*" (Fragmento de diário de campo, 2020). O espanto provocado e exclamado se dá graças ao que é ensinado socialmente: que a intimidade entre homens é considerada inapropriada, e essa aproximação, por vezes, levanta questionamentos sobre sua sexualidade. Também não são bem-vistas as amizades próximas entre homens e mulheres que não tenham intuito de algum tipo de relacionamento afetivo ou sexual, pelo mesmo motivo. O discurso homofóbico encontrado no currículo em análise, ensina que é necessário cuidado com a intimidade entre homens, instituindo que existem limites para a camaradagem. Neste caso, somente gestos e comportamentos "de macho" são os autorizados (Louro, 2019).

Porém, há rupturas nesses significados produzidos no currículo escoteiro. Contrariando a posição de que os meninos devem evitar maiores intimidades, há no currículo lições que educam sobre o afeto. Em outra cena, um escoteiro que, "*ao contrário da cena 'do vacilo', recebeu um outro colega [...] com um abraço afetuoso e um: – Estava com saudades de você*" (Fragmento de diário de campo, 2020), evidencia que nem todos foram subjetivados pelos ensinamentos homofóbicos.

Em todas as cenas observadas, aqui descritas e analisadas, a homofobia recreativa se apresenta com a reprodução de gestos estereotipados que visam se aproximar de um dito feminino, ou seja, do que é esperado de uma mulher e, por isso, socialmente (in)adequado para um homem (Louro, 1997). Nenhuma cena foi observada ou descrita em entrevistas, em que meninas tenham recebido igual atenção pelos seus gestos, falas, jeito de ser e se portar. Talvez porque a homossexualidade masculina seja mais incômoda à sociedade, enquanto um casal de mulheres é, inclusive, utilizado comercialmente por

ser desejado pelo público masculino, quando lhe convém. O que é certo é que o currículo pesquisado ensina uma visão binária, que institui particularidades construindo mulheres e homens em uma rede de repressão e censura, além de "práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros [e as sexualidades] se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder" (Louro, 1997, p. 41).

Pontuamos que as zombarias não foram preferidas por outras/os adultas/os. Entretanto, não houve, por parte dos seus pares, qualquer tipo de intervenção contrária. O observado no currículo investigado, são marcas do discurso homofóbico ensinando reiteradas vezes, que não há mal em ser preconceituosa/o. A dispersão deste discurso pode ser vista no currículo da mídia, a exemplo de um *reality show* famoso em uma ação publicitária de uma rede de cosméticos, apresentada no programa em janeiro de 2021.

A ação mostrou que as mulheres utilizaram os produtos para maquiar os homens presentes, o que pareceu ser uma decisão do grupo de participantes[10]. A questão não é ser homem modelo para maquiagem ou homem que usa maquiagem, até porque, homens também as usam, especialmente os que aparecem na TV, o que era o caso de alguns ali. A questão é que alguns itens de maquiagem (batom, sombra, *blush*, delineador etc.) são produtos culturalmente usados por mulheres, portanto, considerados femininos. Logo, a utilização deles por homens configura "marcas" femininas, ainda que transitórias. O que foi, consequentemente, utilizado com ar de deboche, quando, ao se apresentar às/aos demais participantes do elenco, os homens encenaram gestos estereotipados femininos, tentaram alterar suas vestimentas para parecer com roupas femininas (mini blusas, *shorts* curtos) e foram apresentados com nomes femininos para um desfile.

A atração midiática, veiculada em TV aberta e por meio da *internet*, alcança um sem-número de telespectadoras/es, ensinando que é comum esse tipo de estereotipagem. A mídia é um espaço que divulga e faz circular discursos tidos como "verdadeiros" (Foucault, 1979) socialmente, além de instituir seus próprios discursos (Fischer, 2001). Dessa forma, ao veicular tais imagens, educa suas/seus telespectadoras/es.

A exemplo do currículo da mídia, no currículo escoteiro analisado, se consente e se educa em relação à homofobia recreativa, assim como no currículo escolar quando se

[10] Disponível em: https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/ep/boas-vindas-avon/?utm_source=instagram&utm_medium=social&utm_term=comercial&utm_content=stories&utm_campaign=bbb. Acesso em: 31 jan. 2021.

reforça a exposição ao ridículo, promovendo, por vezes, o afastamento do alvo da homofobia (Louro, 2019). A exclusão da pessoa homossexual se dá quase como uma tentativa de que ela não contagie outras, o que vem a gerar resistência na demonstração de afeto ou simpatia por pessoas homossexuais para evitar interpretações equivocadas de que essa aproximação configure adesão, prática ou identidade homossexual (Louro, 2019).

Desconsidera-se que a sexualidade é um construto social e discursivo e assim, o que está em jogo não é a produção social das sexualidades e sim as verdades produzidas acerca das sexualidades (Silva, 2001). A relação entre sexo e poder, reprime o sexo, proibindo-o, silenciando-o e, falar sobre ele é escapar do poder exercido, o que explica a dificuldade de se falar a esse respeito (Foucault, 1988), mesmo com finalidade educacional.

Consideramos sim que o Escotismo, por meio do seu currículo e de sua pedagogia, colabora com a construção dos sujeitos ali implicados e como estes veem e vivem no mundo. Porém, também há de se considerar que essa produção é plural e constante (Louro, 2019), que se efetiva em diálogo com tantos outros currículos e pedagogias. Outro ponto a considerar é que esses sujeitos não estão implicados passivamente, e sim, são partícipes ativos da construção de si e do próprio currículo. Nesse sentido, foi possível observar, ainda que de modo muito incipiente, e com dificuldades de expressão por parte das/os jovens, que há uma não aceitação dos conteúdos ensinados acerca da homofobia recreativa observada. Esse pode ser um indício de uma possível nova lição a ser elencada no programa curricular escoteiro, construção que parte das/os participantes jovens.

Os ensinamentos preconceituosos do adulto já citado são corriqueiros. Para as/os jovens, "*piadinhas são coisas de mau gosto*" (Escoteira 2, Fragmento de entrevista, 2020), uma vez que é um tipo de gozação que *"fica insinuando e tal. É chato.*" (Escoteira 2, Fragmento de entrevista, 2020). As insinuações são descritas nas entrevistas como "*tipo imitando a voz, ou então o jeito... Como se fosse insinuando tal coisa… tipo... tal coisa não é ruim*" (Escoteira 2, Fragmento de entrevista, 2020). Nesse caso, o foco da homofobia recreativa também é um menino com traços, voz e gestos considerados pela/o adulta/o, ao que parece, afeminados.

Julgar que algumas características podem ser elementos de humor ensina que determinados atributos devem ser vistos como 'errados' para certas pessoas, e que existe um padrão a ser seguido. Essa lição gera situações como as que poderam ser vistas em uma entrevista com um Arcebispo do município de Espírito Santo/RN, que circulou nas

redes sociais em 2021[11]. O clérigo se recusou a dar uma declaração ao jovem que o entrevistava porque esse mostrava trejeitos considerados afeminados. Logo após o jovem iniciar a entrevista, o padre, visivelmente incomodado, interrompe: "Eu não estou gostando dessa entrevista, não. Estou achando que estão me usando para me ridicularizar, é?" (Arcebispo..., 2021, n.p.). Diante do embaraço, o rapaz sugere que o Arcebispo fale apenas para a câmera, e a entrevista, enfim, segue.

Neste caso, o padre, possivelmente, esperava do homem que o entrevistava, uma voz grossa, gestos firmes e másculos, já que é isso que se espera dos meninos como características masculinas (Reis, 2011). Porém, foram diferentes as marcas que se mostraram no início da fala do entrevistador, o que pareceu ao clérigo uma afronta, uma galhofa, um deboche. Após a disseminação das imagens e das críticas a elas, o padre foi a público se retratar, justificando ter sido mal interpretado e afirmou que não tinha sido sua intenção, apresentando um pedido de desculpas.

A atitude homofóbica do padre parte da relação que se faz entre sexo/gênero/sexualidade, segundo a qual a produção de homens é exclusividade de corpos biologicamente masculinos e a construção de mulheres a corpos femininos (Butler, 2020), bem como a atração afetivo/sexual deve ser direcionada ao sexo oposto. Esta construção é reforçada pelo discurso religioso para o qual, o casamento precisa ser a união de uma mulher e um homem para que se tenha como fruto, filhas/os naturais. O objetivo dessas convenções e construções é o efeito produtivo do poder que impõe aos corpos fixidez, estabelecendo movimentos, contornos de forma material, normativa e regulatória (Butler, 2019). A intenção é construir gêneros reconhecíveis para uma melhor compreensão, manutenção, controle e coerência da relação contínua entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

Espera-se evitar rupturas nas normas estabelecidas e para isso se decreta proibições "que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a 'expressão' ou 'efeito' de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual" (Butler, 2020, p. 43-44). Através do controle, pretende-se que cada um desses corpos se apresente com determinados (e diferentes) jeitos, gestos e comportamentos. Essa mesma lição é ensinada no currículo escoteiro, diante da homofobia recreativa.

[11] Disponível em: https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/02/03/arcebispo-de-natal-se-recusa-a-dar-entrevista-e-video-viraliza-padre-pede-desculpas.ghtml. Acesso em: 07 fev. 2021.

No sentido contrário, algumas/uns jovens escoteiras/os consideram as atitudes homofóbicas inadequadas. Consideram que cada pessoa pode ter qualquer jeito, o que não deve ser visto como algo ruim. Isso mostra que algumas/uns das/os escoteiras/os estão atentas/os às chacotas homofóbicas e entendem que não ser heterossexual não é algo negativo, o que movimenta no currículo escoteiro o discurso da diversidade como algo positivo.

O mesmo discurso é encontrado em músicas infantis mais atuais, como a "Liberdeito" (Ramos; Bittencourt, 2019). A música que busca normalizar que cada pessoa tem o direito de ser como quiser ser diz: "Se cada um faz o que gosta / Todo mundo tem que ter respeito / Eu invento uma resposta / E a palavra vem de dentro do meu peito / Liberdeito é a liberdade e o direito de ser desse ou daquele jeito!" (Ramos; Bittencourt, 2019, n.p.). A mesma tentativa é expressa no clipe da música "Indestrutível", da cantora Pabllo Vittar, adicionando outra faceta da homofobia: a da violência física vivenciada por pessoas LGBTQIAPN+. A cantora termina o clipe com a fala: "São milhares de adolescentes que, assim como eu, sofreram esse tipo de agressão. Está na hora de transformar o preconceito em respeito. De aceitar as pessoas como elas são e querem ser. De olhar para a cara da homofobia e dizer 'eu sou assim, e daí?'" (Indestrutível, 2017, n.p.).

Os discursos sobre gêneros e sexualidades mostram sua dispersão também em lições ensinadas nas músicas. Esses conteúdos estão presentes ainda no currículo escoteiro e, para algumas das/os escoteiras/os a lição que diz respeito à pluralidade das sexualidades e dos corpos, parece ter sido aprendida. Talvez o posicionamento delas/es, contrárias/os aos preconceitos, seja por serem mais abertas/os às mudanças sociais e terem acesso a outras lições a respeito das sexualidades. Ou ainda porque, no currículo do Grupo Escoteiro analisado, já tenha havido uma tentativa de ruptura com alguns pressupostos machistas, especialmente, por um grupo de três jovens (duas meninas e um menino) que se propuseram a levantar questões que diziam respeito à valorização da mulher e à igualdade entre os sexos, para a conquista da Insígnia de Desafio Comunitário[12].

Para conseguir esta Insígnia, os requisitos são participar de alguma atividade de ação comunitária escoteira e fazer parte de um projeto que pode ser individual, em uma equipe de interesse. O projeto deve ter relação com uma das prioridades do milênio definidas pela Organização das Nações Unidas – ONU, ser de autoria própria, dentre

[12] Para saber mais: https://escoteiros.org.br/insignias-do-ramo-senior/. Acesso em: 05 jul. 2021.

outros pré-requisitos. O projeto deve ainda seguir todas as etapas desde diagnóstico até a avaliação e relatório com os resultados (Escoteiros, 2021).

Para conquistar a Insígnia, então, o grupo formado por duas meninas e um menino, idealizou o projeto que foi lembrado nas entrevistas. As ações do projeto foram baseadas no quinto dos dezessete objetivos do desenvolvimento sustentável[13], que diz respeito à igualdade de gênero. Dentre as atividades propostas, foram realizados jogos e brincadeiras, debates e palestras com temas que perpassam a igualdade e equidade de gênero, a violência contra a mulher e padrões sociais de beleza, feminismo, machismo e homofobia. Para cada faixa etária atendida pelo Escotismo brasileiro, um tipo de atividade foi utilizado.

Algumas/uns jovens entrevistadas/os citaram esse projeto como a oportunidade na qual se falou, mesmo que rapidamente, acerca de gênero e sexualidade nas atividades cotidianas escoteiras. Mesmo que esse assunto tenha tido sucesso no currículo escoteiro pontualmente, não seguiu como um tópico permanente. As questões e os debates trazidos pelas/os jovens (e não pelas/os adultas/os, vale salientar) foi uma tentativa introdutória e sem força, tanto que não se consolidou.

Louro (2004) alerta que se faz relevante adotar uma pedagogia e um currículo que abordem essas pautas de forma constante, não de forma transitória ou pontual, mas que estejam impregnados delas. Nesse sentido, "não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados" (Louro, 2004, p. 49) por meio do currículo e da pedagogia.

O posicionamento oficial da União dos Escoteiros do Brasil em relação à homoafetividade, parece ser um pequeno passo nessa direção. O documento retoma o Programa Educativo ao lembrar que este deve adaptar-se às muitas diversidades, bem como cita que as práticas educativas devem aproximar-se à realidade das/os jovens e às mudanças da sociedade. O texto alerta que o tema faz parte do rol dos Direitos Humanos e deve ser abordado "de forma diferenciada, própria para cada faixa etária e com material de apoio adequado" (União dos Escoteiros do Brasil, 2015, p. 2).

O assunto é também tocado no Planejamento Estratégico 2016-2021 da instituição, que tem em um de seus objetivos a pretensão de "desenvolver as ferramentas, os recursos e as melhores práticas relacionadas à diversidade e aos direitos humanos no Programa

[13] Para saber mais: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs. Acesso em: 04 mar. 2021

Educativo" (União dos Escoteiros do Brasil, 2016, p. 40). Para isso, pretendia-se "Elaborar materiais educativos de boas práticas em direitos humanos, diversidade e inclusão" (União dos Escoteiros do Brasil, 2016, p. 40) que abarquem várias dimensões, dentre elas as de orientação sexual[14] e gêneros. Entretanto, nas situações presenciadas e registradas durante a pesquisa, não foi essa a realidade posta.

Para finalizar, considerações acerca dos achados

Todas as pessoas vivem suas vidas seguindo seus próprios caminhos e estes podem ser ou não os que lhe são indicados pelos reiterados ensinamentos dos currículos aos quais lhes interpelam. Muitos deles indicam apenas dois caminhos socialmente aceitos, diferentes e opostos: um para ser mulher e outro para ser homem. São lições repetidas desde o momento em que o feto é identificado como menina ou menino e, a partir dali se "transforma uma criança, de um ser 'neutro' em um 'ele' ou em uma 'ela'" (Butler, 2019, p. 205).

Não se adequar a estas lições e viver de outras formas os desejos, no currículo investigado, resulta em desqualificação diante dos ensinamentos de homofobia recreativa, na maior parte das vezes por meninos e homens. A homofobia recreativa evidencia os conteúdos a respeito das sexualidades e gêneros, numa perspectiva machista, de gozação, a zombaria.

O discurso cisheteronormativo, marcadamente encontrado no currículo escoteiro, impõem a cisheteronormatividade compulsória inequivocamente, sendo esse o caminho considerado "normal" ou "natural". Outras possibilidades de vivência dos desejos são desmerecidas com base nesse discurso, que considera que não deveria haver outra possibilidade de casal que não seja uma mulher e um homem, para que seja possível a procriação. Os outros caminhos, ensina o currículo analisado, não devem ser seguidos.

Esses ensinamentos estão também nos silêncios e na falta de debates com as/os participantes. Tenta-se, assim, ocultar e/ou negar a existência de pessoas não heterossexuais no grupo de jovens. Porém, o silêncio e a negação desses sujeitos fomentam as gozações e os insultos, ensinando que jovens não heterossexuais são indesejada/os e desviantes. Calar-se sobre as vidas LGBTQIAPN+, faz parte de

[14] "Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero" (Jesus, 2012, p. 41).

estratégias de controle, de forma que não podemos considerar separadamente o que se diz e o que não é dito. Em suma, o currículo analisado produz e replica variados discursos – biológico, religioso, homofóbico, heteronormativo – que, juntos, têm por objetivo instruir e produzir verdades que indicam uma única direção a seguir: a da heteronormatividade compulsória.

Contudo, possivelmente uma transformação desse currículo está em curso partindo das próprias jovens e das instâncias nacionais que passam a pensar outras possíveis mudanças nesse currículo. O Escotismo, enquanto um sistema de educação, pode modificar discursos e saberes, e com esses, os poderes ali encontrados. Resta saber se essas possíveis mudanças em curso serão fixas, visíveis e realmente diferentes das que agora são possíveis avistar, e são discutidas na pesquisa aqui apresentada.

Referências

ARCEBISPO de Natal se recusa a dar entrevista e vídeo viraliza: padre pede desculpas. *G1 Rio Grande do Norte*, 3 fev. 2021, Natal. Disponível em: https://g1.globo.com/rn/rio-grandedo-norte/noticia/2021/02/03/arcebispo-de-natal-se-recusa-a-dar-entrevista-e-video-viralizapadre-pede-desculpas.ghtml. Acesso em: 07 fev. 2021.

BIG Brother Brasil: Boas-vindas Avon. *GShow*, São Paulo, 27 jan. 2021. Disponível em: https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb21/ep/boas-vindas_avon/?utm_source=instagram&utm_medium=social&utm_term=comercial&utm_content=sto ries&utm_campaign=bbb. Acesso em: 31 jan. 2021.

BRASIL. *Lei n. 7.716, de 05 de janeiro de 1989*. Define os crimes resultantes de preconceito de raça e cor. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm Acesso em: 03 jul. 2021.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam*: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopez (Org.). o corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 191-219.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. 19. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia; BONIN, Iara Tatiana. *Contribuições dos Estudos Culturais às pesquisas sobre currículo*: uma revisão. Currículo Sem Fronteiras, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 509-541, set./dez. 2016. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/costa-wortmann-bonin.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

ESCOTEIROS. *Escoteiros do Brasil*: a juventude em movimento. Curitiba, PR: Escoteiros do Brasil, 2021. Disponível em https://www.escoteiros.org.br/. Acesso em: 17 abr. 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Cadernos de Pesquisa [online]. 2001, n. 114, p. 197-223. ISSN 0100-1574. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf. Acesso em: 31 maio 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 13. ed. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. 13. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

INDESTRUTÍVEL (Vídeo clipe Oficial). Intérprete: Pabllo Vittar. Compositores: Rodrigo Gorky, Maffalda e Pablo Bispo. In: VAI PASSAR MAL. Intérprete: Pabllo Vittar. [S. l.], BMY Produções Artísticas, Sony Music Brasil, 2017. 1 vídeo (4 min 47 seg). Publicado pelo canal Pabllo Vittar. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww&ab_channel=PablloVittar. Acesso em: 20 abr. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero*: conceitos e termos. 2. ed. Brasília: Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional – EDA/FBN, 2012. 42 p

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopez. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopez (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7- 42.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Rev. Bras. Enferm*., Brasília, v. 57, n. 1, p. 13-18, fev. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 out. 2020.

RAMOS, Lázaro; BITTENCOURT, Jarbas. *Liberdeito***.** [S.l]: LAZ Produções Artísticas, 2019. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal: Viagens da caixa mágica. Extraída do Caderno Sem Rimas da Maria. Cantado por Lázaro Ramos, Jarbas

Bittencourt, Jéssica Ellen, Heloísa Jorge. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ro_MeK986s&ab_channel=ViagensdaCaixaM%C3%A1gica. Acesso em: 02 abr. 2021.

REIS, Cristina D'Ávila. *Currículo Escolar e Gênero*: a constituição generificada de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*: uma introdução aos estudos culturais em educação. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. p. 190-207.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche*: a poética e a política do texto curricular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Dr. Nietzsche, curriculista - com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: MOREIRA, Antônio Flávio; MACEDO, Elizabeth Fernandes de (Orgs.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto, 2002, p. 35-52.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade*: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade "deficiente" a partir dos significados da normalidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 15-32, jul./dez., 1999. Tradução de Márcia Lise Lunardi. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/55373/33644. Acesso em: 03 jul. 2021.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. *P.O.R*: Princípios, Organização e Regras. Curitiba, 2013. 10. ed. A presente edição do P.O.R incorpora as alterações aprovadas pelo Conselho de Administração Nacional até sua reunião ordinária realizada em agosto de 2013. Com alterações feitas em 2 jul. 2019. Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/wpcontent/uploads/2019/07/POR_2013_15.pdf. Acesso em: 19 nov. 2019.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. *Posicionamento oficial sobre homoafetividade.* Curitiba, 2015. Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/Posicionamento_oficial_sobre_homoafetividade.pdf. Acesso em: 30 jan. 2021.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. *Planejamento Estratégico: 2016-2021*. Curitiba, 2016. Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/wp-

content/uploads/2020/07/Planejamento-Estrategico-2016- 2021.pdf Acesso em: 05 maio 2021.

UEB. União dos Escoteiros do Brasil. *Projeto Educativo do Movimento Escoteiro.* Curitiba, 2017. Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/wpcontent/uploads/2019/08/Projeto_educativo_do_movimento_escoteiro1.pdf Acesso em: 19 nov. 2019.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em junho de 2026.

Revista Diversidade e Educação